

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090.

N.º 32 — VOL. III.

Sabbado 13 de Agosto de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Recepção de um patriarcha da Abyssinia — O rio da Cachoeira no Brazil — A villa da Golegã — A villa de Gouvêa — O castello d'Espally — Van-Dick — Nas ruinas, conclusão — Lyra do artista — Mais uma estrella no ceo — Miscellanea.
GRAVURAS — Brasões das villas da Golegã e Gouvêa — Castello de Espally — Rio da Cachoeira no Brazil.

Historia da actualidade.

As conferencias de Zurich continuam a dar que fazer. E' de suppor que agora já se tenham aberto; mas não se poderão tratar em dois dias os transcendentales negocios que ali devem ser resolvidos.

— Começa a correr rumor de um congresso europeu para arranjar definitivamente a questão italiana, e socegar as inquietações da Europa. Em alguns circulos discute-se se n'esse congresso tomarão parte só as cinco grandes potencias e a Sardenha, ou todas as que a tomaram no tratado de 1815, visto que se trata de o reformar.

— Posteriormente á nossa chronica da semana passada, desmentiu-se o restabelecimento da boa harmonia entre a Prussia e a Austria.

— As noticias da India ingleza são pouco satisfatorias: a rebellião das tropas europeas prosegue, e algumas, inclusive os carabineiros de Madrastra, tendo-se fortificado nos quartéis, negavam obediencia aos officiaes, e elegiam outros.

— Em Turim celebraram-se exequias pelos soldados franco-sardos que pereceram na guerra.

— O sultão, que tinha ido fazer uma viagem, é esperado em Constantinopola.

— O embaixador da Persia, Alli-Khan, chegou a Marselha com cincoenta pessoas de comitiva.

— Nos ducados de Italia continua a effervescencia, por quanto não estão satisfeitos com o actual estado de coisas, e pretendem ser annexados á Sardenha.

— Na nossa marinha houve promoção.

— No theatro normal subiram á scena as comedias — a *Fada*, imitação do senhor Rebello da Silva; o *senhor Procopio*, imitação do senhor C. Chaby, e o *Namorado da Patroa*, imitação do senhor Marques Pereira, e foram muito applaudidas.

— O senhor Faustino José da Victoria é o engenheiro encarregado pelo governo das obras publicas do districto do Porto, para onde já partiu.

— No dia 7 do corrente teve logar a trasia-

dação dos restos mortaes do finado conde das Antas, para o jazigo que se lhe erigiu por meio de uma subscrição nacional. O acto esteve brilhante pela grande concorrencia de pessoas de todas as classes da sociedade.

— Um operario d'Escarbotrou acaba de resolver o maior problema de mechanica, e de inventar uma machina, que de certo produzirá uma revolução na industria. Procurando augmentar a força motora do seu torno (o operario é torneiro de cobre) achou o processo pelo qual cre poder augmentar duzentas vezes a força de um homem. Inventou uma machina que deu satisfatorios resultados. O inventor trabalha agora em outra machina de mais avantajadas proporções. Se esta experiencia der resultados eguaes á primeira, de nada serve o vapor, nem os motores até agora conhecidos.

— A esquadra ingleza, na força de cinco na-

vios, chegou a Alexandria, onde parece dever demorar-se alguns dias.

— Por portaria de 4 do corrente, expedida pelo ministerio da marinha, foi abolida a classe de chegadores que fóra admittida a bordo dos navios de guerra movidos a vapor.

— Por noticias vindas de Moçambique consta terem sido julgadas más presas pela commissão mixta, estabelecida no Cabo da Boa Esperança, tres embarcações portuguezas detidas pelos cruzeiros britannicos, declarando a referida commissão terem aquelles navios direito ás indemnisações que cita.

— Pela mesma via sabe-se que foi tomada a ilha de Benguelena pelos nossos; sendo no primeiro assalto a nossa perda um official, quatro soldados europeus, dois nativos, um regulo, e dez caçadores, e a do inimigo sete chefes e trinta negros. A ilha, as terras áquem do rio, e as de Cambine, ficaram pertencendo, por conquista, á corôa.

— O cholera-morbus, que se manifestou em Moçambique no dia 3 de Fevereiro, achava-se extinto desde 22 de Março, tendo sido victimas na cidade seiscentas e oitenta pessoas até o fim de Fevereiro, e setenta e duas desde então até 22 de Março; e no continente, seiscientos individuos durante todo o tempo da epidemia; faltando ainda participações de alguns pontos.

— Paris prepara-se esplendidamente para no dia 15 receber o exercito d'Italia. As festas excederão muito as que se fizeram por occasião do regresso do exercito da Criméa. Todas as janellas e sitios por onde deve passar o exercito estão alugadas por grandes quantias, e fabulosas são as que a municipalidade gastará nos arcos e adornos dos boulevards.

— A *Gazeta de Bolonha* publicou o decreto abolindo todas as leis e regulamentos civis, e de processo em vigor, e substituindo-lhes o codigo Napoleão civil, organico e de processo.

— Nos dias 13 e 15 do mez de Setembro terá logar a exposição de gados no districto de Portogalegre.

— Um despacho de Turim do dia 6 diz que Garibaldi era esperado em Florença, para tomar, ao que parece, o commando do exercito toscano.

— Os venezianos pedem, em uma exposição que redigiram, um congresso das grandes potencias para arranjar as questões italianas.

— Falleceu em Runa, no dia 9 do corrente, o senhor Luiz Arsenio Corrêa Caldeira, official do exercito, e deputado ás côrtes. Era irmão do senhor Antonio Corrêa Caldeira, secretario do conselho d'estado.



Padre abyssinio.

— Publicou-se o tratado celebrado entre suas magestades el-rei o senhor D. Pedro V, e el-rei de Dinamarca para regular definitivamente o procedimento fiscal e d'alfandega para com os navios portuguezes no Sund e nos Belts, assegurando a estes navios formalmente, e para sempre, a livre passagem pelos ditos estreitos. Os plenipotenciarios foram, por parte de Portugal o senhor marquez de Loulé, e por parte da Dinamarca o conde Léon de Moltke Hwitfeldt.

— Na promoção que teve lugar na armada, foi despachado capitão-tenente o senhor Francisco Maria Bordalo, distincto e bem conhecido escriptor publico.

— Começaram as eleições para a assemblea de Modena.

— Na Índia ingleza, os rebeldes refugiados no Nepal entraram no paiz de Oude. Foram apresentados em um tribunal marcial uns quarenta dos amotinadores para serem julgados.

— Parece improvável a noticia, dada em uma correspondencia do Nord, da entrevista do rei da Sardenha com o imperador d'Austria em Villafranca.

— No dia 10 do corrente embarcou para a ilha da Madeira, no vapor *Mindello*, o segundo batalhão do regimento de infantaria n.º 10, indo d'outra viagem o primeiro batalhão, que não foi agora porque o *Mindello* não pôde com toda a força. Vae render infantaria n.º 16.

— Por decreto de 8 do corrente foi aberto o concurso por espaço de quarenta dias para a construção do caminho de ferro das Vendas Novas a Évora e Beja.

— O cholera-morbus faz estragos em Bombaim, ainda que vae em declinação.

— A *Gazeta de S. Petersbourg* examina com grande attenção o futuro da Italia. Prediz aos estados italianos que a influencia de facto da França e a influencia de direito da Austria não deixará de complicar mais as difficuldades em que se acham.

Recepção de um patriarcha na Abyssinia.

Para explicação da estampa que damos a frente d'este artigo, e da que hemos de publicar no numero seguinte, transcrevemos da *Viagem em Abyssinia*, livro publicado em Paris, o que mr. Theophilo Lefevbre presenciou, pois que de 1839 a 1843 fez parte de uma commissão scientifica que percorreu o paiz, colligindo muitos e diversos apontamentos, e fazendo importantes estudos sobre diferentes ramos da sciencia.

Antes porém de seguirmos o digno viajante na sua narração, diremos duas palavras a respeito d'aquelle paiz.

A Abyssinia (antiga Ethiopia) é um grande reino d'Africa oriental de perto de quatrocentas leguas de extensão sobre duzentas e setenta de largura, limitado a este pelo mar Vermelho, ao norte pela Nubia, ao oeste pela Nigricia, e ao sul pelo reino de Bomba e Adel.

Extremamente fertil, apesar de montanhoso, tem sitios onde se fazem duas e tres colheitas por anno. O trigo, cevada, milho, sene, linho, algodão, mel, e fructos abundam, bem como os leões, as hyenas, os tigres, os leopardos, e uma infinidade de outros animaes, desconhecidos na Europa, e o insecto chamado *tsatsalya*, que é o flagello dos rebanhos. Criam-se ahí bois e ovelhas de prodigioso tamanho. O rei d'este paiz é absoluto. Os abyssinios tem o rosto cor de azeitona carregada, e são bem feitos, esveltos, vivos, laboriosos, sobrios, e robustos. As mulheres são também de temperamento vigoroso. O idioma do paiz é muito antigo e bello, e a sua religião um mixto do christianismo e do judaismo.

A Abyssinia divide-se em muitas provincias, cada uma das quaes é composta de muitos districtos. Tendo sido destruida Axum, a capital ficou sendo Gondar. A população sobe a um milhão novecentos e cincoenta mil habitantes.

O chefe do clero abyssinio é chamado *abune* (pae nosso). Não pode ser escolhido d'entre os naturaes, que são obrigados a mandal-o ir do Cairo, ou de qualquer outra cidade ou região, com tanto que seja branco. O costume é pedil-o ao patriarcha d'Alc-

xandria, que o concede mediante uma renda de cinco mil thalers. Os proventos do *abune* sobem a reis 6:000\$000.

Os *quasi* na mesma ordem, na jerarchia ecclesiastica da Abyssinia, está o *etchéque*.

Abaixo do *etchéque* seguem-se o *lika-kaénat*, ou juiz dos ecclesiasticos; o *korosse*, ou grã-vigario; o *komous*, vigario; o *keisse*, padre; o *diacone*, diacono.

Os *deberas* exercem nas egrejas o officio de cantores. Ainda que leigos, são obrigados a conhecer a historia sagrada, e frequentam estudos religiosos em Gondar, Axum, Debra-Libanos e Halibela. O *lika-moukous*, ou grande juiz do imperio, e um *debera*.

Dados estes esclarecimentos, que reputamos indispensaveis, passemos a ouvir mr. Theophilo Lefevbre, na sua narração acerca da recepção feita a um padre copta, que tinham ido buscar ao Cairo, e que devia ser o *abune*, ou patriarcha da igreja abyssinia.

«A noticia da chegada do *abune*, diz o viajante, espalhará-se rapidamente por toda a Abyssinia, e causara extraordinaria commoção. Corriam de toda a parte para o encontrarem na passagem e receberem-lhe a benção. A maioria dos habitantes ficara em Axum. Era o sitio aprazado pelos douts *deberas*, impacientes de verem o seu novo pae, e principalmente de lhe fallarem; porque, ainda que penetrados do mais santo respeito, a fraqueza humana aguçava-lhes a critica.

«Por qual das diversas opiniões a respeito da natureza de Christo se declarará o bispo? Será tolerante, perseguidor ou reformador? Taes são as perguntas que anticipadamente fazem a si mesmos estes piedosos theologos, e já cada qual prepara a sua contestação, na intenção de se esclarecer sobre os sentimentos do patriarcha.

«O principe Oubi enviou d'Adowa, capital do seu principado, as ordens para que o *abune* fosse acolhido em toda a parte na sua passagem com as attentões devidas a sua dignidade. O proprio filho do principe devia receber-o na fronteira. As mudas, e estações estavam convenientemente preparadas, e estas fornecidas de provisões de toda a especie. Uma magnifica mula, tirada das cavalharias reaes, foi destinada para o *abune*; outras mulas foram igualmente preparadas para todas as pessoas da sua comitiva.

«Fomos ao seu encontro, seguidos de grande concurso de povo e de todos os *deberas* de Medami, d'Allen e dos arredores. Cada homem do povo estava munido de um pedaço de sal, indispensavel para a benção.

«Os *deberas* teriam escrupulo em privar o patriarcha do seu rendimento, e cada um d'elles tinha um pão de trigo para lhe offerecer, mettido, em quanto esperavam, no mesmo sacco onde estavam o turbante e a tunica branca que devem vestir alguns minutos antes de chegar a presença do *abune*.

«Ao cabo de uma hora de marcha, distinguimos, na planicie de Megara-Tsameis, uma especie de cabana com tecto de folhagem, e do lado de traz, uma barraca que, pela forma, reconhecia-se ser egypcia. Muitos curiosos tinham-se assentado á roda d'este pequeno pavilhão improvisado, esperando a comitiva. Quanto a nos, forçando-nos a politica e a etiqueta a passar além, andámos ainda durante um quarto de hora, e vimos ao longe um grupo de gente a cavallo em mulas guiado por um cavalleiro: pelo vestuario negro de alguns e pelos seus guardasol de algodão, era facil conhecer que este grupo não se compunha só d'abyssinios. Todos, excepto eu, se apearam para se chegarem aos veneraveis personagens, que se aproximavam com a dignidade, que parece natural nos orientaes no dia em que a fortuna os favorece, por muito baixa que seja a condição social a que vá buscal-os. Antes que a comitiva estivesse ao alcance das nossas saudações, todos os *deberas* vestiram as suas tunicas brancas, que tinham tirado dos saccos. Assim adornados, apresentavam um espectáculo magestoso.

«Depressa appareceu o *abune* Salama, entre quatro padres coptas, rodeado dos seus interpretes e de quatro enucos encarregados de o conduzirem a Abyssinia. Aquelles personagens pareceram-me não serem grandes amigos dos europeus. Quanto ao *abune*, longe de me manifestar a menor inimizade, mostrou immediatamente semblante risonho, e dirigiu-me um cumprimento dos mais graciosos, ao qual res-

pondi do mesmo modo e com a mesma franqueza.

«Trocadas as primeiras saudações, fez continuar a sua mula o caminho, e nós seguimol-o até ao pavilhão de que já fallei.

«A benção começou immediatamente. Tinha-se preparado para este effeito um recinto que podia conter duzentas pessoas. Fez-se ahí entrar successivamente toda a multidão que viera ao encontro do patriarcha. Cada pessoa, antes de transpor o limiar da porta, dava um *sel* (*) e ia sentar-se. O prelado entrava depois e abençoava. Alguns penitentes esperavam gosar *gratis* o beneficio da benção, ajoelhando fora do recinto; mas o economo do bispo acudia a dizer-lhes que aquella benção assim era subrepticia, e não podia servir-lhes para nada.

«Vi com prazer, continua mr. Lefevbre, preparar-se a grande cerimonia. Acabava-se de levantar uma vasta barraca, na qual devia o clero passar a noite em preces e acções de graças; a cruz e o livro santo já para lá tinham sido levados. O alaka Kidona-Mariam foi para ali com os *deberas*, e fizeram uma especie de ensaio da scena que ia ter lugar. Terminados os preparativos, fez-se sair a multidão que obstruia as entradas do pavilhão onde estanceava o *abune*, em grande pompa, sentado em um sophá. No mesmo instante avançou em duas linhas o clero com o seu alaka na frente; deram ao *abune* a beijar o livro santo, e apresentaram-lhe também muitas cruces milagrosamente caidas do ceo, no dizer dos abyssinios. Os *deberas* tomaram então com a mão direita um pequeno instrumento chamado *tsenastsel*, com o qual batiam o compasso, entoando um cantico d'acção de graças. Batiam também com o pé e tomavam diversas posições que davam a esta dança grave e solemne caracter. A musica, pobre de notas como o canto chinez, acabava todavia, por causa da união e graça das vozes, produzindo em todos os espectadores uma impressão religiosa que, quanto a mim, tinha notavel perfume d'antiguidade.

«Não é possível fazer idéa da multidão que veiu d'Adowa e dos arredores. A noite em toda a planicie se accenderam fogueiras; cada qual se preparava para se juntar no dia seguinte ao cortejo do *abune* e fazer-lhe a entrada triumphal na capital do Tigre.

«Pozeram-se em marcha alto dia. Muitos nobres tinham vindo com as suas familias para receberem o patriarcha. A alegria era universal e traduzia-se em gritos prolongados. O fulgor da reverberação de um bello sol sobre o ferro polido das lanças não era enfraquecido pelas nuvens de poeira, que a multidão levanta sempre nas nossas estradas da Europa, porque caminhavamos por um valle todo cheio de verdura. A cada instante, era a marcha interrompida por todo o cabido de uma igreja visinha que vinha render homenagem ao *abune*; e repetia-se então a cerimonia da cantoria.»

Mr. Lefevbre separou-se da procissão no valle de Memessa, e nada diz da entrada do patriarcha em Adowa, senão que teve lugar a 19 de Novembro, recebendo as felicitações dos principaes habitantes da cidade á maneira dos grandes personagens abyssinios, isto é, do fundo de uma camara, atraz de uma cortina que o occultava a todas as vistas.

G. A. M.

O rio da Cachoeira no Brazil.

Este rio é um braço do Patype, que nasce na comarca do Serro do Frio, onde é chamado Rio Pardo, e vem desaguar na formosa bahia dos Ilheos.

Tira o seu nome o primeiro d'aquelles rios de uma cachoeira, que as suas aguas formam, quebrando-se, dividindo-se, e precipitando-se sobre varios rochedos em vistosa cascata, cuja belleza e ainda realçada por essa pomposa vegetação dos tropicos, que n'um grupo de arvores de variada especie parece querer fazer um docel de verdura áquelle throno de ondas espumosas.

Custará a crer como ha quem se afoite a navegar em semelhantes pontos. Pois é certo, que apesar das rochas, da precipitação da corrente, e dos saltos e redomoinhos das aguas, passam ali não poucos barcos, ora descendo, ora subindo pelo rio.

(*) Vale 36 réis, pouco mais ou menos.

E' preciso arte e pratica para tão arriscada navegação; mas com o auxilio de ambas, e de canoas estreitas e esguias, consegue-se vencer aquelle obstaculo sem accidente desagradavel. Todavia as pessoas, que passam pela primeira vez aquelle ponto, não podem esquivar-se a uma impressão de terror, por mais presença d'animo que tenham.

Durante o inverno engrossa o rio sobremaneira, e torna-se tão rapida e furiosa a sua corrente, que então é impossível, ou muito perigosa semelhante passagem.

Atravessa o rio da Cachoeira em todo o seu curso terrenos cobertos de bosques, pelo que as suas margens são extremamente pittorescas e encantadoras.

A bahia dos Ilheos, onde tem a foz, é igualmente cercada de frondosas mattas, que lhe dão um aspecto muito aprasivel e animado, porque não faltam aves de todos os tamanhos e cores para dar vida e brilho a esses arvoredos.

Varios outros rios veem pagar o seu tributo ao mar n'esta bahia, cujo nome se deriva de quatro ilheos, que estão defronte da sua barra, e a uma legua de distancia; tres todos de rocha escalvada, e um bem coberto de matto.

No lado septentrional da bahia está a villa de S. Jorge, ou dos Ilheos, como mais communmente lhe chamam; e que teve por fundador a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da fazenda d'el-rei D. João III, que lhe fez doação d'aquella capitania. D'esta villa parte uma estrada, costeando o rio da Cachoeira, para a comarca do Serro do Frio, na provincia de Minas Geraes.

A bahia dos Ilheos está situada trinta e duas leguas ao sul da Bahia de Todos os Santos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa da Golegã.

No meio de campinas dilatadissimas, proximo do Tejo, está assentada a villa da Golegã em terreno tão plano, que este rio nas suas inundações invade uma boa parte da povoação, cercanda-a por tal modo, que só em barcos se pode sair d'ella. Fica a quatro leguas sudoeste de Santarem, e uma sul de Torres Novas.

Teve principio esta villa em uma estalagem, que ahí estabeleceu uma mulher, natural da Galliza, por ser um ponto muito frequentado de viajantes, principalmente dos que transitavam de Santarem para Thomar e Coimbra.

Com o tempo foram-se edificando algumas casas junto a estalagem. A fertilidade do terreno foi attraheo novos povoadores, e assim veiu a formar-se uma villa, onde annos antes era um deserto.

Não encontramos memoria da epoca em que se fundou a estalagem, mas deveria ser em tempos muito antigos, por essa mesma falta de noticias, e porque no seculo xv já existia a povoação. Como geralmente chamavam a estalagem a *veada da Gallega*, passou este nome para a povoação, que denominaram *villa da Gallega*, que com o andar do tempo se corrompeu no de villa da Golegã. Mas a sua origem está commemorada no seu brasão d'armas, que consiste em um escudo verde, alludindo a fertilidade dos campos, e no meio d'elle uma figura de mulher, com uma infusa na mão.

Situada sobre a antiga estrada real, que ligava Lisboa ás provincias do norte do reino, a Golegã prosperou muito até ao reinado de D. Maria I, em que se abriu a nova estrada real por Leiria e Pombal.

Então começou a decair, como succedeu a Santarem e ás outras terras, a que a estrada velha dava vida e animação. Comtudo a riqueza do solo contrabalançou-lhe de algum modo os tristes effeitos d'aquella mudança, que não se limitaram á falta de concorrência de passageiros, antes tambem d'elles resultou a ruina immediata da abandonada estrada. O desinvolvimento, que tem tido a agricultura entre nós de 1833 paracá, tem feito sentir ali o seu benefico influxo. A villa tem augmentado em edificios, industria, e riqueza.

A Golegã conta perto de tres mil habitantes, e uma unica parochia, intitulada de Nossa Senhora da Conceição, a qual foi fundada por el-rei D.

Manuel. Tem casa de misericordia, as ermidas do Salvador, S. João, Santo Antonio, e S. Miguel. Teve um convento de frades franciscanos. Há na villa muitas casas de boa apparencia, e algumas que podem chamar-se bellas residencias, pois que ahí se encontram muitas familias nobres, e opulentos lavradores.

Lavoura de cereaes em grande escala, extensos oliveaes, muitas vinhas, e dilatados prados, onde se criam gados de variada especie, constituem os principaes elementos da sua industria agricola.

Está no seu termo a quinta da Cardiga, junto do Tejo, que foi dos freires de Christo do convento de Thomar, e hoje pertence ao senhor Almeida Lima. E uma das maiores propriedades que ha em Portugal, e tambem uma d'aquellas onde melhor se executam as boas praticas e novos processos da agricultura. E um estabelecimento agricola a todos os respetos muito importante e completo, que pode ser visitado, sem vergonha do paiz, por qualquer estrangeiro. Foi comprada ao estado em 1834 por Domingos José d'Almeida Lima, pae do actual possuidor, pela quantia de duzentos contos, se nos não falha a memoria.

No mesmo termo ha ainda outras quintas muito grandes, como a da Labruja, que foi dos jesuitas, a dos Alemos, a do Paul, etc.

Em Novembro tem a Golegã a sua feira annual, que é das mais importantes do reino. Começa no dia 11 e dura oito dias. É mui grande a concorrência de gente, de generos, e de gado, não só do paiz, mas igualmente de Hespanha.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Gouvêa.

Na provincia da Beira, cinco leguas oeste da cidade da Guarda, está edificada a villa de Gouvêa na faldá occidental da serra da Estrella, mas em logar um pouco elevado.

E' muito anterior á fundação da monarchia, e como tal tem a sua origem involvida em fabulas, ou pelo menos muito duvidosa. O autor da *Corographia Portugueza* diz, que foi povoada pelos turculos quinhentos e oitenta annos antes do nascimento de Christo, e que estes lhe chamavam *Gauvea*, d'onde se derivou por corrupção o nome de Gouvêa.

Tendo-se curvado com as mais terras da Lusitania ao jugo dos moiros, no seculo VIII, foi conquistada em 1038 por D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella. No meio das continuas guerras, travadas entre os campeões da cruz e os filhos de Agar, arruinou-se completamente; e n'este estado se achava no anno de 1186, em que o nosso rei D. Sancho I a mandou reedificar, concedendo-lhe muitos foros e privilegios, com o fim de lhe attrahir moradores.

No tempo da usurpação de Castella el-rei D. Filipe III fez marquez de Gouvêa a D. Manrique da Silva, conde de Portalegre. Desde então tomou a villa por seu brasão as armas dos Silvas, que são: em campo de prata um leão de purpura armado de azul, e por timbre o mesmo leão.

São duas as parochias da villa, S. Pedro, e S. Julião. Tem casa de misericordia, hospital, cinco ermidas, e o edificio do extincto convento do Espirito Santo, que foi de frades franciscanos.

Pelo meio da povoação passa uma pequena ribeira, que nasce nos montes visinhos. Os arrabaldes são muito accidentados e pittorescos. O termo é de grande produção, como todos os terrenos visinhos da serra da Estrella. Recolhe cereaes, vinho, azeite, e fructas, e como abunda em magnificas pastagens, a criação de gado é ahí muito importante.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O castello d'Espally.

Para qualquer parte dos departamentos de França, que o viajante se dirija, encontra muitos castellos antigos, dignos de observação para o estudo da arte e da historia. Ou erguidos de pé, zombando da pesada mão do tempo, ou prostrados por terra, em testemunho da fragilidade das gran-

dezas humanas, n'elles está escripta com caracteres indelexeis a historia de França desde o começo da idade media até aos fins do seculo XVI.

N'este paiz, que o feudalismo converteu em campo de perennes combates, cada um d'aquelles monumentos encerra uma extensa chronica, composta de paginas d'amor e de odio, de magnanimidade e vingança, de lealdade e traição.

O castello d'Espally é um dos monumentos historicos, que mais devem lisonjear o orgulho nacional dos francezes. Foi ahí, que teve logar a aclamação de Carlos VII, quando por morte de seu insensato pae, Carlos VI, foi chamado Henrique V de Inglaterra a succeder-lhe no throno em virtude do tractado de Troyes, de 20 de Junho de 1420, que estipulava, que Henrique V desposaria a princeza Henriqueta, filha de Carlos VI, e que por morte d'este soberano, seria rei de França, tomando desde logo o titulo de regente, e de herdeiro da corôa.

Foi pois das ameias do castello d'Espally, que resouo o primeiro grito de independencia contra a dominação ingleza. Foi entre esses rochedos inhospitos, que o foragido rei Carlos VII teve a sua primeira corte. Foi d'ali, finalmente, que elle partiu para a gloriosa empresa de resgatar o seu paiz do poder dos estrangeiros, e de restaurar o throno dos seus antepassados, precedido por aquella celebre heroína, que a historia immortalizou com o nome de Joanna d'Are, e que um grande poeta cantou, appellidando-a *Donzella d'Orleans*.

O castello d'Espally está edificado sobre uma elevada penedia, n'uma situação mui pittoresca, tendo a seus pés um pequeno rio, com sua ponte de pedra, de forma singular. A pouca distancia acha-se a cidade de Puy, habitada por uns treze mil moradores, out'ora capital do Velay, e hoje cabeça de prefeitura no departamento do Alto-Loire. Nas visinhanças da cidade corre o rio Loire. Em 1562, por occasião do cerco, que veiu pór á cidade de Puy o exercito do commando do *barão des Adrets*, foi em grande parte destruido o castello d'Espally.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Van-Dick.

Continuação. *

III

Quando chegaram ao cume da escarpada ruasinha de S. Ciro, o artista caiu exaustão sobre um massiço de pedra que estava em obra, para o palacio Serra. Avistava-se d'ali o palacio Durazzo. Ouvia-se ainda a musica; mas a concorrência tinha diminuido. O baile agonisava.

— E a agonia do baile, disse Van-Dick: e tambem a minha!

E levantou-se com impeto.

— Olha! Olha! continuou com a voz alterada, estendendo o braço para o palacio. Não viste fechar aquellas quatro janellas? E não sabes que quarto é aquelle? Sei eu! É a camara nupcial! Oh! conde Pallavicini, és meu amigo deveras?

— A tua amizade, Van-Dick, é o thesouro que me ficou de toda a minha fortuna! Não quero perdê-lo.

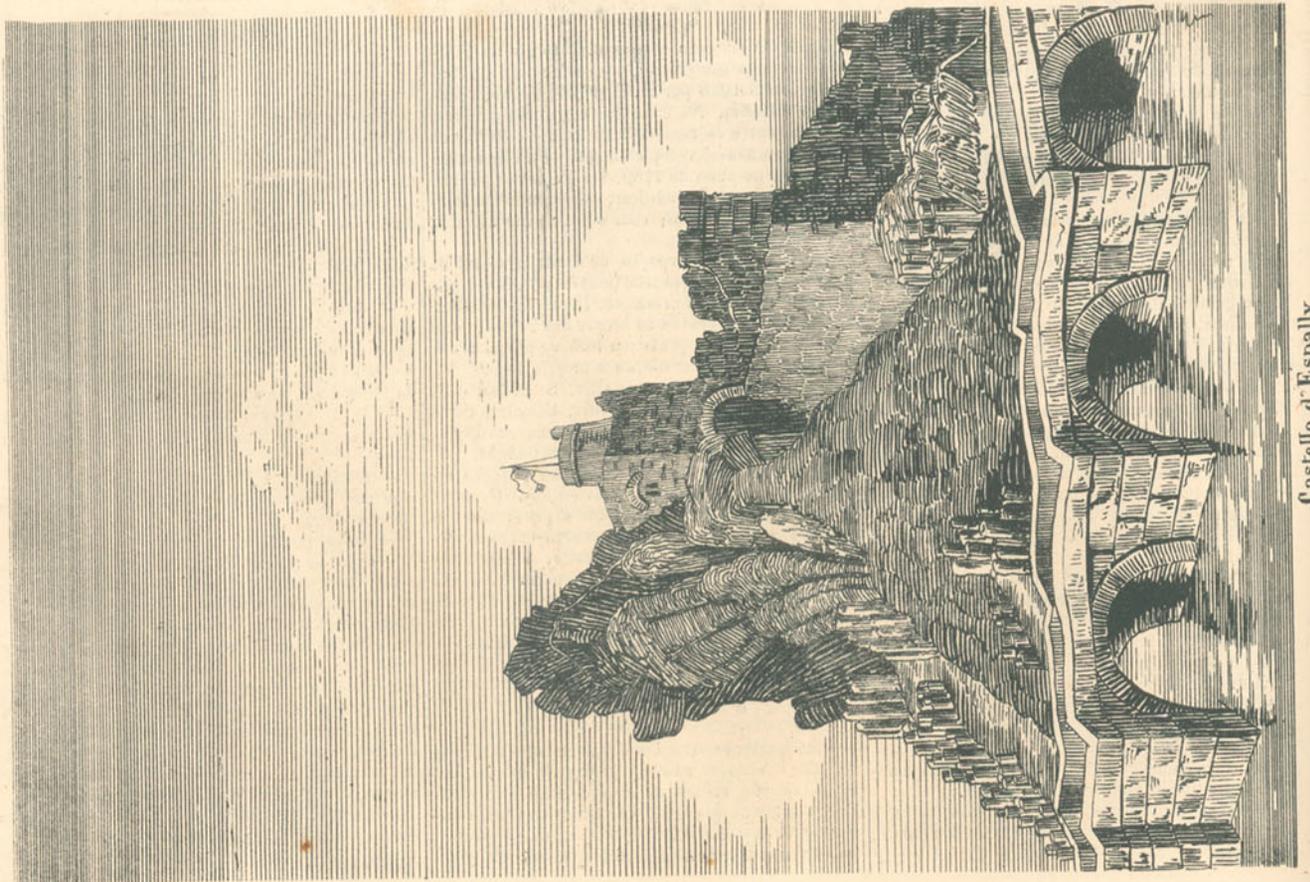
— Obrigado! A hora está a soar! eu sinto-a!... O sangue precipita-se-me na cabeça! morro se não me assistes...

— Falla, pois!

— Sobes ao palacio Durazzo; pede para fallar ao conde em segredo, quer elle esteja nas salas ou no quarto, em pé ou sentado, acompanhado ou só. Dize-lhe que o inimigo de seu pae, o marquez Gippino, o espera com a espada nua junto da fonte *Lerbino*! que o marquez veiu de Florença, sem se demorar em parte alguma, para levar a effeito este duello de morte! que recusar será cobrir-se de infamia... e o adiamento, uma covardia! Vae... vae depressa. Já as luzes se extinguem!... As mulheres acompanham a condessa ao leito nupcial! Oh! avia-te, conde, parte e não voltes sem elle!

— Lá vou. Respondeu Pallavicini apertando-lhe a mão e pondo-se a caminho.

(*) Do num. 28



Castello d' Espally.



Rio da Cachoeira, no Brazil.

Um quarto de hora depois, subia as escadas do palácio Durazzo, e, entrando nas salas, atravessava em silencio a turba procurando chamar a attenção do heroe da festa.

O conde de Brignole recebia as ultimas despedidas dos seus amigos, no momento em que deu com os olhos na severa physionomia de Pallavicini. Este fez-lhe um signal. Desviaram-se para o vão de uma janella.

— Peço-vos perdão de vir incommodar-vos esta noite, nobre conde Brignole; mas o negocio é importante. Conheceis o marquez Gippino?

— Pessoalmente, não: respondeu o conde Brignole; sei, porém, que foi inimigo ligadal de meu pae.

— Como seu filho é tambem vosso. Muito bem. O marquez Gippino espera-vos junto da fonte Lerbino. Escolheu-me para seu segundo; e em quanto os vossos amigos se não retiram, escolhei tambem o vosso.

Brignole ficou extatico.

— Conde Brignole, disse Pallavicini, não fallei de modo claro?

— Não recuso a satisfação que pede o marquez. Dar-lh'a-hei amanhã.

— Amanhã publicará elle pela estrada de Florença a vossa deshonra! Tem de partir hoje mesmo.

— Na verdade é fazer-me guerra despedada! Escolher um momento d'estes... Aquelles Gippinos tem um gosto admiravel para escolher! Basta! Que me mande declarar a hora...

E vendo sair da camara nupcial a camarista com o sorriso nos labios, deu um passo para separar-se do conde Pallavicini.

— A hora é esta! Exclamou Pallavicini detendo-o.

— Mas... o negocio é muito serio, conde Pallavicini; dae-me tempo ao menos para abraçar minha mulher!

— Apenas o necessario para desembainhar a espada! Cada minuto que deixaes passar, rouba um grão de ouro ao vosso brasão!

— Oh! que devo pois fazer?... murmurou entre dentes o conde Brignole.

— Seguir-me! respondeu Pallavicini.

— E' uma singular tyrannia! Por ella conheço bem os Gippinos como meu nobre pae tantas vezes m'os descreveu! A minha espada está aqui. Partamos.

Depois, voltando-se para os amigos que pareciam esperal-o, accrescentou:

— San-Gallo, se te é possível dispôr d'alguns momentos, rogo-te que me acompanhes á igreja da Consolação

— Olá, conde, disse San-Gallo rindo: ides muito longe rezar antes de vos deitardes!

— É costume. Tornou o conde com seriedade.

Os tres actores d'esta scena saíram do palacio, e dirigiram-se em silencio ao logar aprasado. A pouca distancia encontraram um vulto que parecia esperal-os.

— Aquelle é sem duvida o nosso campeão? Perguntou o conde Brignole.

— É elle. Respondeu Pallavicini.

— Então vós conheceis o marquez?

— Não. Encontrou-me na *Strada Balbi*; perguntou-me se eu era nobre, e explicou-me o negocio para que me propoz assistir-lhe. Aceitei.

— Fizestes bem: ao menos, convosco, estamos livres d'emboscadas.

Entretanto o vulto caminhava adiante d'elles, e parou de repente n'um bosque de tamarindos, cuja ramagem augmentava ainda mais a escuridão da noite.

— E pois aqui, nobre marquez Gippino, que pretendes combater?

Van-Dick arrojou a capa e o chapeo. desembainhou a espada, e não respondeu.

— Previno-vos, continuou Brignole, que vou defender-me como um leão, porque não desejo que minha mulher enviue logo na primeira noite do noivado.

Van-Dick mediu o terreno e poz-se em guarda. Aquellas palavras tinham-lhe produzido no coração o effeito da lingua farpada de uma vibora! Tardava-lhe extinguir esse homem, que o insultava com a sua felicidade até no campo do combate. Os dois

adversarios cruzaram os ferros. A briga não durou muito. Van-Dick recebeu uma estocada no braço direito. De constituição fraca, e ameaçado já pela terrivel physisca que o consumiu tão moço ainda; cansado além d'isso pelas agonias d'aquelle dia fatal, escorregou na relva orvalhada pelo sangue, e cain soltando um gemido.

— Vou procurar-vos um cirurgião. Disse friamente o conde Brignole, mettendo a espada na bainha. E dando o braço a San-Gallo, voltou risonho pelo mesmo caminho.

Pallavicini correu a amparar o amigo.

— Conde, disse-lhe Van-Dick, tenho bastante dinheiro para salvar os teus palacios das mãos dos credores. Dou-t'o. Corre porém sobre aquelle homem, e bate-te com elle, que hasde ser mais feliz do que eu! Quero ouvir-lhe o ultimo suspiro!

— Corre-te o sangue; é preciso estancar-o. Calate; a febre faz-te louco!...

— Oh! não! deixa correr o sangue, deixa... deixa-me morrer!... Jesus!... Não sabes que elle vae entrar triumphante no quarto da condessa?... Não imaginas os beijos phreneticos, e as caricias de fogo que hão de receber-o? O paraíso abre-se diante d'elle, e o inferno sob mim!... Vae, conde... vae... que é tempo ainda... mata-me aquelle homem! Leva a minha espada, e traze-m'a tinta de sangue!

— Pois sim; amanhã tornaremos a principiar. Agora, consente que te ligue a ferida.

— Covarde! tens medo...

— Bonito! insultas-me!... quanto pode a febre!...

— Sim? pois assim mesmo ferido vou correr sobre o conde! se o braço direito não se move... tenho ainda o esquerdo!... Oh! deixa-me... deixa-me... De que me serve esta existencia? Se o conde entrar no palacio...

E desmaiou.

Quando voltou a si, o dia começava a apparecer no cume dos Apeninos.

— Que sonho terrivel! Foram as suas primeiras palavras.

Espalhando depois á roda de si a vista socegada, pegou nas mãos de Pallavicini, beijou-lh'as, regando-as de lagrimas, e, apontando para a relva ensanguentada, sorriu-se com amargura, e fitou no ceo um olhar cheio d'essa sublime expressão, que só as almas superiores sabem dar á physionomia nas horas de desespero profundo!

— Já te sentes capaz de voltar á cidade? Perguntou-lhe Pallavicini, acariciando-o como a uma creança.

— Já; respondeu Van-Dick; mas que vou eu lá fazer agora? Olha que bello espectáculo... o dia a apparecer... tudo a vestir-se de gala! Ouvi em sonhos cantar o rouxinol... Deus responde todos os dias d'este modo ao nosso soffrimento! Que importa á natureza a minha desgraça? Se ella se vestisse de lucto de cada vez que alguém chora a sua desgraça... teriamos lucto sem fim! Reveste-te pois d'azul e ouro, ó bello ceo d'Italia, e consola a desgraça dos teus filhos!

— Parece-me que podemos voltar. Observou socegradamente Pallavicini.

— Meu querido Pallavicini... tanto de marmore és tu como os teus palacios... Tornou-lhe Van-Dick sorrindo com ternura, e apertando-lhe a mão. Dize-me, nunca amaste?

— Algumas vezes; porém como tu, Deus me livre!

— Já amaste alguma mulher que te houvesse feito acreditar no seu amor, que te desse mil esperanças lisonjeiras, e que se casasse depois com outro?

— Já...

— Já?! e que tens feito?...

— Consolar-me.

— Está bom: as tuas palavras tambem me consolam, conde; quem tem um amigo como tu, é preciso que seja um grande ingrato para dizer que é infeliz ou desgraçado!

— Bravo! Bravo! exclamou Pallavicini beijando-o na frente. Já me pareces outro! Da-me o braço, e voltemos á cidade, como quem vae passeando para gosar o fresco da manhã. Olha, a condessa de Bri...

— Pelo amor de Deus, não falles n'esse nome!

— Pois sim; a condessa é realmente formosa: tem a pelle macia como as folhas de uma rosa, olhos luminosos e azues como o golpho de Genova, labios de coral, dentes de perola, colo d'alabastro, espaldas de riquissima escultura, e um perfil... Ah! não conheço senão outro melhor — o da Venus do teu amigo *Ticiano de Veneza*! Quanto a espirito... a qualidades moraes, n'isso nunca tu me fallaste!... Pouco te importavas com ellas; achava-la formosa... era o que bastava. Não tens duvida; em menos de vinte e quatro horas prometto dar-te um segundo tomo da condessa Brignole, muito mais correcto e augmentado!

— Ora, cala-te! E' impossivel.

— Impossivel? Tu verás! Tomara que me dessem palacios... verias como me consolava de ter perdido os primeiros. Ah! já te ris? então vamos muito melhor!... Deixa lá os rouxinos a cantar, e a natureza que te escarnece, meu amigo, porque nem todas as condessas d'Italia juntas valem o sangue que hontem correu da tua ferida! Uma mulher formosa acha-se em qualquer parte. Um artista como tu só em ti.

— Basta! tregoaos aos elogios! E quem é essa outra mulher de quem me fallaste?

— Bemdita seja *Nossa Senhora dos Remedios*, que mora no fim d'esta rua! Estamos completamente curados! Velhaco!... já te interessas por outra mulher...

— Por simples curiosidade.

— Entende-se! O amor de um artista não é senão curiosidade excessiva e delirante! Viveis sempre martyrisados pelos vossos proprios sentimentos: e por isso a vossa inconstancia passa por toda a parte em proverbio! Fazeis um museu de namoradas como se fizesseis um museu de quadros. Estudaes a natureza, e não vèdes na mulher formosa senão um modelo, um typo, em quanto outros se cansam a constituir-a em deusa dos seus pensamentos, do centro d'um amor platónico dos mais verdadeiros! Pois, o dito dito! Prometto dar-te um modelo capaz de fazer com que se morda a propria Venus Aphrodita!

— Como se chama?

— Amanhã saberás. Por hoje, basta: curei-te. Agora, ahí tens uma cama; deita-te e dorme.

N'este momento os dois amigos estavam em casa. Em breve chegou um cirurgião, que depois d'examinar a ferida, e de lhe applicar um balsamo, declarou que não era perigosa, nem pedia outro regimen alem de vinte e quatro horas de socego.

Continua.

Nas ruínas. (*)

(MEDITAÇÃO)

Conclusão.

II

Quedo jaz o oceano qual leão adormecido; reflectindo no dorso ingente e crystallino a safírica amplidão dos ceos, que o envolvem, qual mortalha immensa!

Dorme o gigante!

Dorme tranquillo! e a natureza, qual mãe extremosa vela-lhe pelo repouso!

O silencio é completo.

Quem ousaria perturbar o somno do monstro?

Quem sabe que de tormentas e vendavaes não acordarão com elle, quando, despertando d'esse lethargo em que jaz absorto, indolente se espreguiçar pelas agrestes e ermas praias que o marginam, cujos rochedos a prumo, merencorios e solitarios, quaes sentinellas do deserto, a vaga impotente e gemebunda vem afagar em osculos?

III

No meio d'este abysmo formado de alterosas muralhas quasi demolidas, e crivadas de brechas que a aza ferrea do tempo tem alargado, no esvoaçar dos annos em torno d'este montão de destroços; quem não sentirá comprimir-se-lhe o coração,

(*) No n.º 27 — onde se lê no titulo d'este artigo — *As ruínas* — deverá ler-se — *Nas ruínas*.

pensando no que são as grandezas humanas? Quantos não terão dito como nós, n'este momento: — Oh! homem, que és tu no mundo? que poder é o teu?... Que vales esses legados, colossos de pedra e barro, que, orgulhoso, e cheio de vaidade, deixas a teus descendentes, como herança, e que deverão perpetuar a tua memoria?...

Hoje o que vemos é ainda o phantasma de um momento; amanhã, quando por aqui passarmos, talvez nem vestígios d'elle já possamos lograr! Amanhã, talvez não encontremos nem uma pedra sotoposta a outra, d'esse padrão que arvoraste soberbo, para renderes culto a um Deus, e honrares a memoria do seculo que te viu nascer, e morreu contigo!

Essa massa de carcomida pedra, agora informe, e semi-desmoronada, que se ergue ante nós, em outros tempos era um mosteiro!

Por estas abobadas esburacadas, por cujas fendas se cõa a luz vaga e phantastica do crepusculo, já reboaram hymnos e canticos erguidos ao Eterno, e partidos de corações cheios de crença e de fé! Hoje supprime-os o silvar dos ventos, e o mesto gemer da viração nocturna, que são outros tantos canticos da natureza!

O que são as magestades da terra!...

Em outras eras, este recinto, agora nu e esparvorido, era ornado de ricos marmores, lavrados de primorosas esculpturas; estas paredes eram peçadas de custosos broqueis, e guarnecidas de magnificas telas, onde avultavam soberbas pinturas; gigantes columnas serviam de esteio a estas vastas abobadas; estes claustros, ora mudos como os dominios da morte, eram povoados de sons harmoniosos; n'este recinto, dedicado á oração, circulava a vida; e ali, onde agora o corvo e o morcego fazem seu ninho, estava arvorada a imagem sacrosanta do Redemptor pregado na cruz!

Hoje aqui tudo é solidão e abandono! Por estas naveas já ha muito tempo não resoa o eco de passadas humanas; tudo silencio... pavor!... De cada reconcavo, de cada esconderijo parece surgir um phantasma; em tudo horror e desolação, em tudo a imagem da morte! Grupos de amarelentas e enfesadas hervas coroam os topos d'estas muralhas, como as alvas cãs a fronte quasi calva do ancião. Bastas massas de cardos e silvas vedam a passagem ao visitante e ao observador; e a imagem em vulto da destruição parece assentar-se altiva e ameaçadora sobre este throno de ruínas!

Que terrivel coincidência com a vida humana!

Ao contemplar este montão de destroços, quem o não comparará com o homem no occaso da vida; com o homem já decrepito, myrrhido, e com o corpo meio debruçado para a voragem da morte?

Vós vivestes! Contastes talvez muitos centenares de annos de existencia, fruístes galas, pompas e admirações; em vosso seio retumbaram muitos canticos festivos em louvor do Eterno, admirou-vos um não limitado numero de gerações... Mas hoje... a caducidade imprimiu-vos na fronte o seu sello de morte... amanhã talvez já não existais de pé... Rasos com a terra os cumes de vossas paredes, derribadas pelo vendaval, só dirão ao que passar: — Ó homem, como tudo que e obra tua é limitado e finito. Como tudo se parece comtigo... no nascer e no morrer!

IV

O veo da noite cae sobre a terra; na calada do monte, ouve-se a espaços o pio lugubre e prolongado da ave lucífuga; e os pallidos raios da lua, enfiados pelas brechas da rota abobada, deramam sua luz vaga e mysteriosa por todo este vasto e solitario recinto...

O ceo é puro, milhões d'estrellas crivam a immensidade, e o oceano dorme, susurrando ao longe!...

V

Quem ousará prescruar, atravez o cerrado veo dos destinos, os mysterios da Providencia?

Quem, atravez a superficie immovel e espectral das aguas dormentes, sonda as tempestades que tumultuam pavorosas e terriveis nos reconditos seios do pelago?

Quem, atravez o sorriso sereno, e os olhares socegados do ancião e do philosopho, adivinha os estragos do amodo e do debate encarniado e tremendo das paixões violentas, na juventude, lhes imprimiu no coração, hoje involucro de apagadas cinzas e nada mais?

Quem, atravez as espessas camadas da fria larva empilhada pela mão do tempo ou pelo sopro dos aquillões, em redor da cratera, logra o espectáculo, sem duvida surpreendente e pavoroso, que vae nas entranhas do vulcão?

Ninguem.
Se o homem tudo sondara: o fundo do pelago e as entranhas do vulcão; se tudo desvelara: a mascara da differença, que dissimula os sentimentos que se agitam no coração do seu semelhante, e o denso veu dos destinos; se tudo previra, se tudo adivinhara, o homem seria um Deus.

Deus é um só.

O homem nasceu do pó, n'elle vive, e quando a morte o toca com o seu dedo descarnado, só pó lega ao seio da terra.

Sua alma participa da essencia da divindade; mas o involtorio da carne, que a encerra, rompe-a; o contacto do mundo desfigura-a; a sua passagem por elle é-lhe nociva.

O homem sae do nada, vive, se vida se pode chamar á transição do berço para a cova, e volve outra vez ao nada.

Surge do berço com o sorriso da innocencia nos labios e cae nos braços da morte com as lagrimas nos olhos.

Ergue-se do berço e com tremulo pé e incerto passo começa a caminhar pelo arido e sinuoso trilho da existencia.

Sae do berço para trepar ao seu Golgotha e de lá cair aniquilado no sepulchro, pelo peso da sua cruz!

Todos no mundo tem o seu calvario, todos! Todos cingem a sua corôa d'espinhos; todos ao percorrer a estrada da vida se laceram nos abrolhos de que ella é crivada!

O que cinge a corôa e o manto real tem as mesmas decepções que o seu mais infimo vassallo; o rico, as mesmas que o pobre; o nobre os mesmos pezares que o plebeu; o senhor as mesmas dores que o escravo.

Todos caminham para o mesmo ponto; mas raros, quasi nenhuns lá chegam. Esse ponto é a felicidade.

A todos esclarece a mesma luz, durante o espaço d'esse agor transitio; todos vão guiados pelo mesmo pharol — a esperanza.

A esperanza! Essa gemea da fé que nos afaga no berço e nos acompanha depois no caminho da vida.

Ai d'aquelle que no meio da sua carreira é abandonado por ella!

Ai d'elle! se o seu pharol se apaga para sempre! se a estrella que o symbolisa no ceo das idealidades se offusca!

Ai d'elle! porque trevas sem fim lhe involverão o resto da existencia, até o somno perpetuo! Não mais verá com os olhos do espirito; porque a mão da desgraça lh'os vendou com o veo do scepticismo. Terá a morte em vida; e contará os segundos da sua existencia pelas dores que lhe assaltarem o coração!

Quereis saber o que é a vida sem esperanza? Quereis ter uma idea, ainda que muito vaga e confusa, do que é a esperanza e a desesperança?

Ponde em parallelo, por exemplo, o poetico e luxuriante aspecto de um florido jardim, com o assombroso e arido panorama do deserto.

Compare a suave e galerna viração de uma tarde por lins da outono, a brincar-vos com as madeixas do vosso cabelo, a afagar-vos o rosto, e parecendo em cada requebro dar-vos uma phrase de amor, e um suspiro, com o suão dos desertos, varrendo serranias e serranias de areia, e dando a morte a centenares de homens que o crusam em caravana.

Compare o doce e mesto murmuro do arroio, com o rugir medonho do mar enfurecido.

Compare a onda de um limpido regato, segredando queixas aos seixinhos, que beija submissa, e osculando as raizes das plantas que guarnecem a praia, com a desoladora e horrente immensidade do oceano, açotado pela tempestade.

Quereis uma idéa mais exacta do que é a esperanza e a desesperança? Compare o paraizo com o inferno!

O jardim deleita-vos a vista com os variegados matizes das flores que o ornam, embriaga-vos com os perfumes que ellas rescendem; o deserto embota-vos os olhares e o pensamento com o seu estéril e monotonu panorama, onde em milhares e milhares de leguas só reina a uniformidade!

No matiz deslumbrante da flor, em seu enebriante perfume, no crebro gemer da aragem, no ramalhar dos arvoredos, no murmurar das fontes, e no descante das aves... em tudo resalta a vida, em tudo ha harmonia; de tudo emana amenidade e poesia.

No deserto nada freme, nada quebra o silencio dos sepulchros que envolve aquellas interminaveis planicies de areia; e a poesia pavorosa e terrivel das solidões, lá avulta só percorrendo aquellas ermas paragens nas azas do simun, que rugem como um pregão da morte!

E assim a onda tenue do arroio e o vagalhão furibundo do mar, vomitando a morte dos humidos seios, e assim o crystallino ribeiro, e as imponentes solidões do oceano!

VI

Da desesperança ao scepticismo só dista um passo.

Na desesperança estareis tocando nas bordas do precipicio, no scepticismo tocar-lhe-heis o fundo.

Ha um não sei que de attrahente nas entranhas do abysmo... uma mão invisivel, que parece acenar-nos, chamando-nos.

Ao medir o precipicio quem não entontece...?

Muitos, espiritos fracos, incapazes de supportar mais de uma decepção, para elle se deixam escorregar, n'elle se arrojam, sem lhe sondar primeiro a fundura, e ali estrebuxam, até á hora em que a Deus apraz arranca-os d'aquelle immundo charco de torpeza, vicio e devassidão.

«Não ha effeito sem causa:» a do scepticismo é, quasi sempre, a demasiada precipitação com que damos entrada no mundo, abandonados a nós mesmos sem lhe prescruarmos primeiro os perigos.

«O estrago da queda avalia-se sempre pela grandeza da altura.»

Se no momento em que a adolescencia nos abre as portas da vida e do amor, se no momento em que nos arrojam ao mundo, a esse mar, na apparencia pacifico; mas que dissimula, sob uma mascara de enganosa bonança, as mais truculentas procellas; se n'esse momento tão serio, e tão grave da nossa vida, usassemos de reflexão pausada, em vez da insana precipitação, não teriamos nunca de nos arrepender, ao vermos convertida em desengano cruel cada illusão fagueira, que nutrimos...

As illusões, essas como perolas, dispersas no baldio chão da vida; essas como aureas balizas que nos separam da vida arida e real; esses vapores inebriantes que nos embriagam o cerebro, e nos fazem ver um ceo de rosas onde só ha o ceo carregado e impregnado do halito das tempestades; o nectar onde só ha fel; e emfim, o bello, onde só ha o abjecto, o ignobil, e o sordido; as illusões, triste do que as perde no verdor dos annos!

Desgraçado do que possa dizer como o distincto poeta hespanhol:

Hojas del arbol caidas
joguete del viento son;
las illusiones perdidas,
son hojas, ai! desprendidas
del arbol del corazon!

Triste d'elle. A ultima ainda o pode sustentar á beira do precipicio; mas se ella cae, arrasta-o consigo; e o homem submerge-se para sempre nos vortices tenebrosos do scepticismo!

Que haverá de peor e mais horivel do que o viver sem crença, e mormente no verdor da mocidade, quando ainda tanto e tanto nos falta para atingirmos o termo da vida, quando tantos passos nos distam ainda do sepulchro?...

Imaginae que tendes um longo caminho a percorrer, e que logo no começo da jornada as forças vos abandonam; sentis-vos desfalecer; e inerte e moribundo vos arrastae até o ponto onde determinastes ir.

E comtudo milhares e milhares de jovens creaturas estrebuxam n'este momento no asqueroso charco

da descrença, em que os arrojou a mão do infortunio. Milhares e milhares se revolvem no immundo lodagal do vicio, sem encontrarem mão amiga, que se estenda para elles a erguel-os do abysmo, nem labios que lhes digam: Venho salvar-vos!

Salval-os, só Deus o pode. Mas elles já d'esse mesmo descreeram.

Como deve ser triste o viver sem crenças!

Verdes impassível os olhares da mulher que vos adora, que daria a vida por uma expressão carinhosa de amor, saída de vossos labios; verdes impassível os olhares da mulher que faria a vossa felicidade, se n'ella podesseis crer, embotarem-se na crusta de bronze que vos envolve o coração, cujo fogo de ha muito é extinto!

Ouvirdes de seus labios a revelação do doce sentimento que experimenta por vós; ouvil-a, e sem estremecer! Ouvil-a com a indiferença que se ouve um dito banal... Levardes a mão ao peito e sentirdes o coração mudo como o de um cadaver!

E depois quando essa mulher succumbe ao peso d'esse amor, que não encontrou ecco em vosso coração, vél-a myrhar, definhar-se, e por fim desabar na sepultura... Procurar nas palpebras uma lagrima, no intimo d'alma um sentimento de dôr, para pagar tanta dedicação, e nem uma nem outra coisa encontrar!...

Oh! como deve ser triste o viver sem crenças!...
Ruínas de *** 1857. H. VAN-DEITERS.

Lyra do artista.

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
E riqueza, e virtude, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.
A. F. DE CASTILHO.—Hymno ao trabalho.

Eu bem sei que a minha lyra
E' pobre, pobre de sons,
Só porque á verdade aspira
E' rica de nobres dons:
Sua riqueza é só esta;
Jámais a adular se presta,
Que odeia um peito servil;
E' lyra, que, honrando a palma,
Não vende seus cantos d'alma
A troco d'um premio vil.

E' lyra d'artista, e canta
Singelas trovas d'amor;
Se os ouvidos não encanta
Desperta n'alma vigor:
Sempre leal, verdadeira,
A tenho, por companheira,
A alentar-me o coração;
E nas horas do cansaço,
Quando já me vérga o braço,
Dá-me nova animação.

Dá-me, sim, dá-me coragem
Com sua voz toda amor...
E' como um sopro d'aragem,
Que me traz vida e ardor:
Com ella venço a fadiga,
Ella só faz que eu prosiga
O meu trabalho a cantar;
E, quando já finda o dia,
Na sua pobre harmonia
Vou doce alívio encontrar.

Quero cantar n'esta lyra
Tão cara, que o ceo me deu,
Um amor, que em mim respira,
Que n'alma Deus me acendeu:
E' o amor pelo trabalho,
Por esse que, honrando o malho,
A suar ganha o seu pão;
E, sem ter inveja ao nobre,
Alegre vive, mas pobre,
Sendo prestante á nação.

A esta lyra sem encantos
Nem todos lhe dão valor,
Que nem todos presam cantos
D'um artista trovador...
Só a artistas os off'reço;
Sei que hão de dar-lhes apreço

Por ser d'irmão esta voz...
Esta voz, que se ergue e brada
Como um grito d'avanzada
Na nossa marcha veloz!

O trabalho é nobre e honroso,
Nem sei que haja mór brasão!
Torna o braço vigoroso,
Robustece o coração;
Afasta d'alma as tormentas
Das baixas paixões violentas,
Que a vil preguiça produz;
Do vicio alcança victoria,
E, dando ao artista gloria,
Gloria á patria conduz.

Artista, se um da nobreza
Fero de orgulho te olhar,
Tentando a odiosa empresa
De teu brasão aviltar,
Ergue-te altivo e sob'rano;
Pergunta-lhe, artista, ufano,
Qual tem mais bello esplendor;
Se um tit'lo no ocio herdado,
Se um tit'lo, que foi comprado
Com trabalho e nobre ardor.

Pergunta-lhe, ousado artista,
Qual presta mais á nação;
Se das artes a conquista,
Se os laureis do seu brasão...
Pergunta, com sob'rania,
Quem, pela sua valia,
Tem á gloria maior jus;
Se o que só desfructa o goso,
Ou se o braço industrioso,
Que em seu lidar o produz.

Artistas, irmãos, ouvi-me
Esta sincera canção,
Que em rudes versos exprime
Nobrezas do coração:
Possa ella em vossas almas
Ir colher d'amor as palmas,
E alcançar o premio seu...
Ouvi meu canto de gloria,
Que não quero outra victoria,
Só invejo esse trophéo.

São grandes nossos destinos,
Nosso progresso é veloz...
Juntae aqui vossos hymnos
A' minha singela voz:
— Honra ao trabalho, cantemos,
— Honra á patria em que nascemos,
— Honra e brilho a Portugal...
Cantemos, que é certa gloria,
Celebremos a victoria
N'esta canção fraternal.

Já o sol com seus lumes fulgentes
Desce á terra a dar vida e calor;
Eia! Erguer, meus irmãos, e contentes
Ao trabalho com alma e valor!

Lide a mão, que não teme o cansaço,
Lide um peito, que tem coração;
Na bigorna, batendo a compasso,
Diga o malho do artista a canção.

O trabalho nobrezas encerra,
E' quem glorias á patria conduz;
Sem trabalho não dá fructo a terra,
Só trabalho a nobreza produz.

N'este solo tão bello, e formoso,
Vejo o mundo crescer e brilhar;
Honra eterna ao artista brioso,
Surjam glorias na patria a raiar!

A' victoria! A' victoria! — sem susto
Mostre o peito firmeza e valor;
Quem confia em seu braço robusto,
Não lhe falte na lucta vigor.

Mais uma estrella no ceo!

À MEMORIA DA EX.^{MA} SENHORA D. MARIA JULIA
DAS DORES CUNHA.

Era a flor em botão que a meiga brisa
Vinha em torno beijar;
Fresca planta mimosa aos ceos erguida
Tão linda a vicejar!

O perfume suave que vapora
D'um sol divino á luz,
As almas que embalsama, attrahe, enleva,
Seu doce aspecto seduz.

E um mau dia em que o sol não rompe as nuvens,
E anda occulto em seu trilho,
A pobre da florinha cae pendida
Sem aromas, sem brilho!

O fragil, debil tronco que a sustinha
Languido se enfraquece;
Nem um raio de sol no desalento...
Pobre flor que emmurchece!

E rispido o tufão soprando irado
No chão a desfolhou;
Sem côr perdendo a vida, em pó sepulta,
Na terra se occultou.

As lagrimas saudosas que se vertem
Onde a viram florir,
Em vão regando o campo em que nascera,
Não cessam de cair!

Tributo d'alma ahi pago á memoria
Em lastimosa dôr,
São profundas saudades d'esse encanto
Cheio de vida e amor.

Mas se á terra baixou, não era ao mundo,
Que pertencer devia;
Por mãos d'anjo colhida, a flor mimosa
Aos ceos a conduzia.

Foi mais um cherubim levado ao throno
Onde se adora a Deus;
Uma estrella de mais nos veos da noite
A scintillar nos ceos!

Belém, 20 de Junho de 1859.

M. P. DA FONSECA E CASTRO.

Miscellanea.

O imperador Napoleão presentou a cathedra de Alexandria, onde assistia nos dias festivos, durante a sua permanencia ali, com um calix, galhetas e bandeja de grande valor, e trabalho exquisito, combinando-se com os diversos metaes o esmalte e pedras preciosas. No calix estão as armas imperiaes com a inscripção: «Dado por sua magestade o imperador Napoleão III.»

Entre as peças de artilharia que os austriacos deixaram nas mãos dos francezes n'esta ultima campanha da Lombardia, ha duas mui curiosas. A primeira, que se suppõe fundida em Viena no anno de 1680, de grande calibre, tem uma aguia, que com as azas abertas se precipita sobre um delphim, no corpo do qual tem o bico e as garras enterradas, com este distico: *Eximiam aut mergor*. A segunda foi feita em Veneza, e tem em relevo as armas da republica, o leão de S. Marcos, e este distico: *Fortes fortuna juvat*.

N'uma memoria publicada recentemente por uma associação de escolas em Inglaterra, se diz que frequentam as da dita associação vinte e tres mil rapazes, para o que ha dois mil e setecentos mestres voluntarios. Existe outra associação para proteger as mulheres jovens, e desde a sua fundação tem feito fechar quatrocentos e noventa e sete lupanares, e soccorrer setecentas e oitenta e quatro mulheres.